

A AVENTURA DO DESMASCARAMENTO DA MÁSCARA

Prof. Jesus Antonio Durigan

Pesquisador do Estudo da Linguagem
da UNICAMP

A proposta fundamental de A Força do Destino, de Nélida Piñon, parece estar ligada à atividade metalinguística de desmascaramento do jogo das aventuras (e desventuras ?) quemon-

tam (confeccionam) os contornos da máscara-narrador em face do seu próprio processo criativo. Para conseguir seu intento, Nélida Piñon remexe, dolorosa ou sarcasticamente, os fios que compõem o contínuo-descontínuo do saber arqueológico ligado à narração e às técnicas de composição, ao mesmo tempo que procura determinar o espaço paragramático em que se situa e locomove o narrador. O objetivo primeiro é configurar significativamente as dimensões interna e externa desse sujeito-máscara em seu relacionamento com os outros atores da narrativa, confeccionando desse modo uma metáfora viva da narração, da montagem do texto. O enredo básico apresentado em *A Força do Destino* se coloca, então, como pretexto para um trabalho literário que se desenvolve ao nível do discurso. Vejamos: o enredo do romance, extraído da peça musical homônima de Giuseppe Verdi, gira em torno do amor de Álvaro, cavaleiro sem muitos títulos de nobreza, pela nobre e "impalpável" Leonora. Desenvolve-se a partir da morte accidental do rico e todo-poderoso Marquês de Calatrava, pai de Leonora, causada involuntariamente por Álvaro durante a fuga dos dois amantes. Continua através da desgraça que se abate sobre Álvaro e Leonora, obrigados à separação definitiva e perseguidos implacavelmente pelo nobre Carlos, filho do Marquês e irmão "muito querido" de Leonora. E termina tragicamente (só poderia ser) com uma luta entre Álvaro e Carlos. Carlos é ferido gravemente e antes de morrer assassina sua irmã Leonora. Cumpre-se, assim, o destino de todos os atores desse "espetáculo" narrativo. Sem dúvida, um enredo melodramático e sem muita originalidade. Entretanto, se uma leitura superficial constata a banalidade e o envelhecimento do tema e do enredo, o mesmo não ocorre com o discurso que o conta. O entrecruzamento de registros que indicam épocas diferentes ("Marquês, como ousais difamar-me!"; "Por favor, Leonora, não enche, sim.") apagam o aspecto melodramático e envelhecido da representação em favor de uma re-apresentação sarcástica e irônica. A simultaneidade de realidades e espaços culturais distintos no tempo e no espaço (Itália, Espanha, Rio de Janeiro), a coexistência de valores opostos e distanciados entre si pela evolução histórica ("Aqui, pois, estou, abade, não para pedir o amor de volta, o amor a Deus obriga-me a esquecer"; "E você agüentarã, Leonora? Olhe lá que santo é carreira técnica.") criam uma imagem multifacetada e dinâmica da realidade significativa do romance. As considerações sobre o ato de escrever (p.96), de narrar (p. 69), sobre as soluções propostas para os destinos dos atores (p. 96), sobre o envolvimento afetivo entre narrador e atores ("Um pouco mais perto e poderia beijar Álvaro e Leonora"), sobre as discussões que os atores travam com o narrador ("E como se agradece a quem nos narra, minha cara Nélida?") metaforizam o

enredo primário e salientam a presença de um "outro enredo" muito mais significativo que o primeiro: o que se desenvolve em torno da aventura de re-criar a rede de destinos que montam o romance. E é a partir dessa malha de significantes, pensamos, deve ser efetuado o trabalho crítico sobre A Força do Destino. Sem dúvida, ajudará a elucidar problemas ligados à dialética entre sujeito-narrador e atores da narrativa.